



A arte rupestre na Paraíba: Um estudo sobre o sítio arqueológico da localidade Algodões, no município de Condado

Almair de Albuquerque Fernandes

Professor, diplomado em Geografia, especialista em Geopolítica e História, bem como em Políticas da Educação, e, mestrando em Sistemas Agroindustriais (UFCG).

Email: pazeluzalmair@gmail.com

Resumo: A arte rupestre é considerada o único vestígio deixado de forma consciente e voluntariamente pelos homens pré-históricos. O Estado da Paraíba, localizado na porção leste do Nordeste brasileiro, é pródigo em sítios de arte rupestre. Entre os vários sítios arqueológicos do sertão paraibano, pode-se citar o encontrado na localidade Algodões, município de Condado. As inscrições rupestres de Condado são envoltas num misto de mistério e fascinação. Apesar da importância do sítio, nunca foi publicado nenhum estudo sistemático. Ali, as gravuras rupestres apresentam uma variedade de características em seus perfis gráficos. Essa diversidade gráfica, possivelmente, é produto de grupos sociais distintos, que teriam habitado aquela região em tempos cronológicos diversificados. Para uma efetiva proteção do entorno e visibilidade do Sítio Arqueológico Algodões existe a necessidade da demarcação de uma zona de preservação rigorosa, com características que deverão ser anexada na legislação municipal vigente. Tal particularidade justifica-se pelo fato de vândalos já terem destruído parte do referido sítio, inclusive, utilizando dinamite, sob a alegação de que estão procurando minério, em detrimento ao valor científico do acervo arqueológico local.

Palavras-chave: Condado. Sítio Arqueológico Algodões. Necessidade de preservação.

The rock art in Paraíba: A study of the archaeological site of the locality Algodões, in the county of Condado

Abstract: The rock art is considered the only trace left consciously and voluntarily by prehistoric men. The State of Paraíba, located in the eastern portion of the Brazilian Northeast, is lavish in rock art sites. Among the many archaeological sites in the Paraíba backwoods, one can cite the cottons found in the locality, municipality of County. The inscriptions County are wrapped in a mixture of mystery and fascination. Despite the importance of the site, no systematic study has never been published. There, the rock carvings feature a variety of features in your graphic profiles. This graphical diversity is possibly the product of different social groups, which have inhabited the region in varying chronological ages. For an effective protection of the environment and visibility of Archaeological Cottons exists the need for demarcation of a zone of strict preservation, with features that should be added in the existing municipal legislation. This feature is justified by the fact that vandals have already destroyed part of that website, including, using dynamite, claiming that they are looking for ore, opposing the scientific value of the site archaeological collections

Keywords: County. Archaeological Algodões. Need for preservation.

1 Introdução

A arte rupestre é considerada o único vestígio deixado de forma consciente e voluntariamente pelos homens pré-históricos. Ela representa os mais expressivos registros do comportamento humano

sobre as relações com o meio natural (CARVALHO et al., 2005).

No Brasil, especialmente na Paraíba, apesar da grande quantidade de material de arte rupestre localizado, o estudo sobre o assunto ainda é restrito.

Afirma Almeida (1979, p. 21), que “todo vestígio antigo deixado pelo homem na sua passagem pela terra, constitui um sítio arqueológico. As pinturas e gravuras rupestres - a denominada arte rupestre - são sítios arqueológicos”.

Na visão de Santos (2007, p. 37), “os sítios de arte rupestre se configuram como monumentos singulares e de valor incontestável, pois retratam fragmentos do cotidiano humano”.

Gaspar (2003) acrescenta que a arte rupestre consiste em representações gráficas elaboradas em suportes rochosos, presente em diversos ambientes frequentados pelas culturas pré-cabralianas.

Na literatura sobre arqueologia brasileira o termo arte rupestre engloba tanto as pinturas como as gravuras. As gravuras consistem em representações elaboradas através do picoteamento ou incisão no suporte rochoso.

No entanto, apesar de sua importância no contexto histórico-antropológico, a arte rupestre é pouco valorizada, limitando-se sua discussão ao meio acadêmico.

Diante dessa realidade e observando as considerações expostas, este artigo pretende avaliar a arte rupestre, numa visão mais científica, afastando o misticismo e a credence popular, focalizando a necessidade de se preservar o sítio arqueológico da comunidade Algodões, no município de Condado-PB, sob todos os aspectos.

2 Revisão de Literatura

2.1 A arte rupestre na Paraíba

O Estado da Paraíba, localizado na porção leste do Nordeste brasileiro, é pródigo em sítios de arte rupestre, predominando os de pinturas. Estas são encontradas, em sua maioria, nas paredes rochosas de cânions - localmente chamados de boqueirões, e em paredes e tetos de abrigos ou cavernas.

Estima-se que existam mais de 500 sítios com arte rupestre na Paraíba. Entre os principais, podem ser citados: a Pedra do Touro; a Pedra do Gato; a Pedra da Velha Chica; a Gruta do Silêncio; o Abrigo das Emas; a Pedra do Ingá e o Lajedo de Pai Mateus.

A maioria desses sítios arqueológicos apresenta registros rupestres (gravuras e pinturas) estampados em paredes rochosas, distribuídos nos leitos dos rios, vales e serras. Nesses locais, é comum encontrar representações zoomorfas, antropomorfas, geométricas, astronômicas e fitomorfas.

Destes sítios arqueológicos, apenas a Pedra do Ingá, localizada no município de igual nome, foi tombada pelo DPHAN (o atual IPHAN), por iniciativa de Pereira Júnior, em 1944, o qual realizou um estudo ‘in loco’ daquelas inscrições rupestres (PEREIRA JÚNIOR, 1970).

O conhecimento sobre a existência de registros rupestres no interior da Paraíba é algo que remota ao final século XVI. Além de Ambrósio Fernandes Brandão (Diálogos das Grandezas do Brasil, 1618), Elias Herckmans (Descrição geral da Capitania da Paraíba, 1639), também fez referência a um sítio arqueológico por ele encontrado, quando de uma entrada ao interior da Capitania com o objetivo de avaliar os recursos naturais da região de Cupaoba.

Anos mais tarde, em 1670, os padres capuchinhos franceses Teodoro de Lucé e Martin de Nantes, em missão catequista, dirigiam-se ao arraial de Boqueirão do Carnoió, quando, no caminho, encontraram “no meio de uma grande floresta [...] uma grande pedra de grã da altura de nove pés, larga na base, muito bem talhada, sobre a qual estava gravada a imagem de uma cruz de alto a baixo e na parte inferior havia um globo, ao lado de duas figuras que não podiam ser distinguidas por causa do musgo e, em derredor, uma espécie de rosário gravado” (NANTES, 1979, p. 54).

O sítio arqueológico descoberto pelo padre Teodoro de Lucé e seu auxiliar encontra-se no território do atual município de Barra de Santana, desmembrado de Boqueirão, em 1994. Trata-se da ‘Pedra do Altar’, localizada à margem direita do rio Paraíba.

Além dos caracteres descritos pelo padre Martin de Nantes, ali várias outras inscrições e pinturas, que constituem belo painel em cor vermelha, todo ele da mesma tonalidade, relativamente bem conservado. Naquele imenso macacão também existe um símbolo abstrato de uns 66 cm de comprimento, além de várias representações de ponteados, setas, mãos positivas e lagartos (ALMEIDA, 1979).

No entanto, analisando a narrativa do padre Martin de Nantes, percebe-se que aquele religioso somente viu no referido sítio elementos religiosos, e, utilizou-se dos mesmos para iniciar a conversão dos nativos que faziam parte da referida expedição, atribuindo às mencionadas inscrições e pinturas uma conotação profética.

Na opinião de Ozildo (1990, p. 11), as inscrições e pinturas rupestres existentes no interior do Estado da Paraíba, “expressam, sem dúvidas, sentimentos, ideias de um povo que ali habitou. É uma página da nossa pré-história, que como outras inscrições brasileiras, se decifradas, poderão nos oferecer noções exatas sobre a origem ainda desconhecida do homem americano”.

Quanto o elemento colonizador adentrou os sertões paraibanos ele foi encontrando vestígios rupestres. Às vezes, quando do requerimento de uma sesmaria, os colonizadores faziam referências a esses vestígios.

Assim fizeram o padre Valetim Gonçalves de Medeiros e Manoel Timóteo da Vera Cruz, que em 21 de janeiro de 1759, requereram uma gleba de terra no sertão paraibano, alegando que a mesma ficava na data da 'Pedra Lavrada' (TAVARES, 1980), numa referência expressa às pinturas rupestres que existem nas proximidades da sede daquele município paraibano.

Ozildo (1990, p. 11) tratando daqueles achados arqueológicos afirma que "as inscrições de Pedra Lavrada foram descobertas no final do século XVIII, pelos primeiros desbravadores que ali apontaram, em busca de terras propícias à lavoura e à criação de gado. Na época, a ribeira do Seridó já se destacava por sua fertilidade, servindo de estímulo à fixação do homem branco. Os blocos de gneiss cobertos de símbolos dos mais variados formatos, serviram como fonte toponomástica, fazendo com que os primeiros povoadores da região batizassem o lugar com o nome de Pedra Lavrada".

Em diversos municípios paraibanos onde existem vestígios da arte rupestre frequentemente os habitantes locais associam tais registros à localidade onde os mesmos são encontrados. Assim, no interior da Paraíba é comum o uso de topônimos como 'Pedra do Letreiro', 'Lajes Pintadas', 'Pedra Lavrada', 'Pedra do Caboclo', 'Pedra Furada', 'Lajedo Pintado', etc.

Em 1893, Irineu Jofilly em seu valioso livro 'Notas Sobre a Paraíba', abriu um parêntese para tratar das inscrições e pinturas rupestres existentes no território paraibano, afirmando: "julgamos merecer a mais séria atenção de todos os homens estudiosos, o assunto de que passamos a nos ocupar, referimo-nos aos letreiros ou inscrições que encontram em grande número de rochedos em toda a Borborema, ou antes, em toda a Paraíba" (JOFILLY, 1978, p. 88).

Para fundamentar seu relato, aquele ilustre historiador paraibano utilizou-se das anotações de um relatório escrito pelo engenheiro Francisco Soares Retumba que, em 1886, visitou a povoação de Pedra Lavrada, no Seridó paraibano.

Ainda segundo Jofilly (1978, p. 89), após copiar integralmente as inscrições ali existentes, aquele engenheiro concluiu: "ignoro se haverá quem possa compreender o que significam as inscrições [...]. Cumpre, pois, quanto à Paraíba, que se cuide seriamente de colecionar todas as inscrições que se encontram a miúdo em nossos sertões".

Embora alguns estudiosos - ditos 'alienigenistas' - tentem relacionar os registros rupestres existentes no interior do nordeste brasileiro aos fenícios, "até aqui, os achados arqueológicos não revelaram vestígios da passagem de fenícios pelo Brasil. E se quisesse sustentar a tese de fenícios como povoadores do continente americano, as

dificuldades seriam maiores uma vez que o período áureo da história daquele povo situa-se no tempo compreendido entre os séculos X e VII a.C. e em datas muitíssimo anteriores, já foi registrada a presença do homem em nosso continente" (ALMEIDA, 1979, p. 19).

Desta forma, deve-se afastar por completo a ideia de serem os fenícios ou outros povos (europeus ou asiáticos) os autores das inscrições rupestres encontradas no território brasileiro - e em especial, na Paraíba - aceitando-se como verdadeiro que seus principais executores foram os indígenas, que viveram em épocas remotas.

No entanto, deve-se reconhecer que as suposições e conclusões de alguns pesquisadores, a exemplo de Almeida (1979), Martin (1975) e Pereira Júnior (1943), já emprestaram ao estudo das inscrições rupestres existentes na Paraíba, uma importância capital, excluindo afirmações superficiais, segundo as quais tais registros arqueológicos não passariam de meras brincadeiras de índios.

Abordando as inscrições rupestres existentes na Paraíba, Lima (1953, p. 114), afirma que "todas guardam as mesmas características, os mesmos traços de origem como se representassem elos de um só círculo de influência". E, que "não há dúvida que existe uma inter-relação dessa escrita nos diversos lugares onde teria predominado uma civilização antiga".

É importante destacar que boa parte do patrimônio arqueológico existente no Estado da Paraíba vem se perdendo ao longo do tempo, em decorrência da depredação do homem. Muitos vestígios rupestres foram destruídos, por ignorância ou conveniência. Alguns, para dar lugar a construções ou para o amanhã das terras.

Observa Silva (2006, p. 114), que "devido a sua fragilidade, esses monumentos arqueológicos estão vulneráveis à ação do tempo e principalmente à destruição humana. Esta intervenção humana vem sendo responsável pela danificação parcial ou total dos sítios arqueológicos, tendo como fatores: a construção civil; a extração de rochas, a falta de informações e, conseqüentemente, o vandalismo".

Na Paraíba, inúmeros sítios arqueológicos estão sob ameaça de depredação constante, ligadas ao garimpo/mineração de rochas ornamentais, atividade econômica forte em alguns municípios, a exemplo de Pedra Lavrada, Junco do Seridó e Picuí (possuidores de sítios arqueológicos com arte rupestre), e a visitação turística, problema reforçado pela ausência de trabalhos que mostrem à população local a importância dos sítios existentes.

Dos diversos fatores de degradação que podem incidir sobre os painéis de pinturas e

inscrições rupestres, a ação humana se destaca como forte agente de destruição.

Por outro lado, deve-se registrar que o trabalho de conscientização junto às populações interioranas é algo fundamental para a preservação dos sítios arqueológicos.

Na Paraíba esse trabalho vem sendo desenvolvido por uma organização não-governamental, denominada de Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA), que, desde 1995 vem contribuindo com as instituições oficiais a manter o patrimônio arqueológico preservado. Essa organização interage através da conscientização, desenvolve cursos, palestras, seminários, bem como o levantamento de sítios arqueológicos em todo território paraibano.

2.2 As representações rupestres do município de Condado-PB

O território que atualmente constitui o município de Condado foi desmembrado do município de Pombal, considerado rico em registros rupestres.

Afirma Seixas (2004), que a noroeste da cidade de Pombal, nas serras do Comissário e do Cabeço, existem vários pontos onde podem ser encontradas pinturas e inscrições sobre a rocha dura.

O referido autor também relata a existência de vestígios rupestres em várias localidades que atualmente pertencem aos municípios de Paulista, Malta e Vista Serrana, cujos territórios desmembraram do município de Pombal.

Em Condado, até o presente foi descoberto um sítio arqueológico, localizado na comunidade Algodões, de propriedade dos herdeiros de Antônio Machado de Oliveira, distante 12 Km da sede do referido município.

Nesse sítio, identificam-se gravuras integrantes da tradição Itacoatiara, que segundo Martin (1993, p.15), “estão relacionadas com o culto das águas. Muitas dessas gravuras nos fazem pensar em cultos cosmogônicos das forças da natureza e do firmamento”.

As inscrições rupestres de Condado são envoltas num misto de mistério e fascinação. Apesar da importância do sítio, nunca foi publicado nenhum estudo sistemático.

Contudo, existem algumas referências em algumas publicações voltadas para a história do sertão paraibano, nas quais esses registros arqueológicos aparecem como simples ‘curiosidades’.

No entanto, “a simetria e a combinação desses sinais não podem ser lançados ao acaso; elas exprimem com certeza pensamentos humanos; são

monumentos escritos de uma raça que ali habitou” (JOFILLY, 1978, p. 88).

No sítio Algodões, vândalos deixaram suas marcas, com incisões alfanuméricas, comprometendo a integridade dos registros rupestres.

Desta forma, urge que sejam tomadas providências visando à preservação daquele sítio. Pois, a perda daqueles registros rupestres implicaria em lacunas em relação ao estudo da pré-história local, prejudicando, de certa forma, a construção da história do Sertão paraibano.

3 Considerações Finais

O Sítio Arqueológico Algodões está localizado na margem esquerda do riacho Cipó, sobre um grande bloco de pedras, medindo em forma diagonal 200 m de comprimento por 75 m de largura, apresentando, em seu ponto máximo, uma altura de aproximadamente 20 m.

A vegetação e o relevo do local onde se localiza o sítio se mostram característicos do sertão paraibano. As gravuras foram feitas sobre blocos de rochas que, muitas vezes, se encontram bastante desgastadas pelo intemperismo, pois todo o sítio encontra-se a céu aberto.

O sítio apresenta-se com gravuras em motivos geométricos lineares e circulares, com interferência atual nas gravações (ação antrópica), e com as gravuras que se limitam à região do córtex da rocha. Há vários locais em que o sol e a chuva agiram diretamente sobre a rocha, fazendo com que as camadas superficiais estejam prejudicadas, favorecendo a ação da erosão nas gravuras, aumentando o seu desgaste.

As gravações foram executadas sobre um lajedo granítico coberto por um tipo de fungo que, em alguns pontos, dá umas colorações douradas, distribuídas horizontalmente. No entanto, existem algumas representação que possivelmente caracterizem pegadas de aves, peixes e uma que lembra um escorpião.

Tais gravuras foram picoteadas. Há também círculos radiados e um grande conjunto vertical de círculos interligados. Entretanto, no todo, a conservação é regular, sendo que muitas gravuras já foram danificadas pelo intemperismo, apresentando, em alguns pontos, processo de descamação.

A base do sítio é formada pelo afloramento arenítico e blocos soltos, um dos quais apresenta gravuras. No período de chuvas, a água deposita sedimento arenoso entre os blocos. Foi realizada uma limpeza em toda a área abrigada, retirando-se uma camada de sedimento arenoso depositado pelas chuvas, não se encontrando nenhum material lítico.

Para uma efetiva proteção do entorno e visibilidade do Sítio Arqueológico Algodões, existe a necessidade da demarcação de uma zona de preservação rigorosa, com características que deverão ser anexada na legislação municipal vigente.

Tal particularidade justifica-se pelo fato de vândalos já terem destruído parte do referido sítio, inclusive, utilizando dinamite, sob a alegação de que estão procurando minério, em detrimento ao valor científico do acervo arqueológico local.

4 Referências

ALMEIDA, R. T. de. **A arte rupestre nos cariris velhos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979.

CARVALHO, H. D. S. de. [et al.]. Modelagem dos condicionantes ambientais para os sítios rupestres em Oliveira dos Brejinhos - Chapada Diamantina - BA. In: **Anais XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Goiânia, Brasil, 16-21 abril 2005, INPE, p. 2893-2900.

GASPAR, M. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

JOFFILY, I. **Notas sobre a Paraíba**. Fac-símile da primeira edição publicada no Rio de Janeiro, em 1892, com prefácio de Capistrano de Abreu. Apresentação e observações de Geraldo Irenêo Joffily. Brasília: Thesaurus Editora, 1977.

LIMA, C. As Itacoatiara de Ingá. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano**, v. 12, João Pessoa: Teone, 1953.

MARTIN, G. Estudos para uma desmistificação dos petróglifos brasileiros: a Pedra Lavrada do Ingá (Paraíba). In: **Revista de História da Universidade de São Paulo**, 1975.

_____. Apresentação. In: DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma civilização antiquíssima**. João Pessoa: Conselho Estadual de Cultura/SEC/ A União, 1993.

NANTES, M. de. **Relação de uma missão no rio São Francisco**. São Paulo: Nacional/INL, 1979.

OZILDO, J. As inscrições rupestres de Pedra Lavrada. In: *Revista Tudo*, suplemento especial do **'Diário da Borborema'**, Campina Grande-PB, edição de domingo, 16 de dezembro de 1990.

PEREIRA JÚNIOR, J. A. Em torno da velha questão que é a de terem estado os fenícios no Brasil e outros reparos. In: **Revista do Instituto Histórico e**

Geográfico de São Paulo. São Paulo, v. LXVIII, 1970, pp. 183-190.

SEIXAS, W. N. **o velho arraial de piranhas (Pombal)**. 2 ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVA, I. F. A valorização do tesouro arqueológico da Paraíba através da aplicação de ícones pré-históricos em cerâmicas decorativas. In: IV Congresso de Internacional de Pesquisa em Design - Brasil. **Anais...** Rio de Janeiro, 11-13 outubro 2006, p. 111-118.

TAVARES, J. de L. **Apontamentos para a história territorial da Parahyba**. Reprodução Fac-similar da Edição de 1910. Brasília: Senado Federal, 1982.